

# Mulheres serão campeãs de bilhar - e daí?

## Megatendências para as Mulheres

ABURDENE Patrícia NAISBITT  
John (tradução de Magda Lopes)

Rio de Janeiro Rosa dos Tempos 1993 479 p

Um dos muitos modismos dos anos 60 foi a futurologia. Seu guru máximo era o físico e estrategista norte americano Herman Kahn que depois de trabalhar muitos anos para a Força Aérea dos Estados Unidos fundou o Instituto Hudson. Um dos projetos mais importantes deste instituto era a internacionalização da Amazonia que seria transformada em um imenso lago. Houve no Brasil quem ficasse entusiasmado com o projeto do cientista cuja invenção mais notável foi aplicar a teoria dos jogos para orientar estratégias militares. Mas houve quem não gostasse. E entre os inimigos das ideias intervencionistas de Herman Kahn estava o publicitário e pesquisador cultural Marcus Pereira. Quando se anunciou a vinda de Kahn ao Brasil em uma época de ditadura militar que não permitia certas manifestações nacionalistas ou quaisquer manifestações anti americanistas Marcus aproveitou a campanha que então se fazia contra os perigos do uso do ciclamato em regimes de emagrecimento e o fato de o futurologo ser extravagantemente gordo para fazer um poster simples: o rosto redondo de Kahn e a legenda Ciclamato nele! Espalhado pelos muros do Rio e São Paulo o poster foi o maior sucesso.

Longe de mim sugerir que todo futurologo deva ser tratado a ciclamato. Mas temo que as profecias da dupla Patrícia Aburdene & John Naisbitt batizadas por eles de megatendências sejam um modismo rendoso como o Hudson Institute *Megatrends 2000* e *Megatendências Reinventando a Corporação* já venderam 14

milhões de exemplares em 35 línguas. Outro mega sucesso editorial é *Paradoxo Global* que Naisbitt lançou no Brasil em abril passado (Veio sozinho. A mulher já está trabalhando no próximo sucesso).

Meu temor não é sem base. Nos agradecimentos que abrem o livro *Megatendências para as Mulheres* os autores informam que ao contrário da grande equipe de pesquisa que se imagina eles tenham quem faz todo o trabalho para eles e uma formidável Joy Van Elderen. É o nosso tesouro: a pesquisadora com a qual os outros escritores só podem sonhar. Reune montanhas de recortes de jornais e outras informações e os transforma em apontamentos digeríveis. Conhece a Biblioteca do Congresso como a palma de sua mão. Consegue localizar praticamente qualquer pessoa por telefone e entrevista-las ou extrair delas (sic) o último fragmento de informação de que necessitamos para comprovar nossa hipótese. É assim confessado com toda esta singeleza que funciona a dupla de futurologistas.

O livro é dividido em 11 capítulos situando o futuro da mulher nos vários campos de atividade humana. Que tendências as mulheres precisam conhecer para adquirir poder no presente e no futuro? e a proposta explicitada na introdução. Logo no primeiro capítulo *As Mulheres na Política*. O Caminho para a Presidência dos Estados Unidos: o poder político supremo é garantido para o início do século XXI quando uma mulher chegará à Casa Branca. Com as tendências a seu favor ela vai construir o seu caminho passando por especialistas profetizam.

Nos esportes as conquistas serão fantásticas. Em 1998 as mulheres correrão as maratonas tão ou mais rapidamente que os homens. Os leitores ficam sabendo inclusive que um dia as mulheres serão campeãs mundiais de bilhar mas vai levar tempo. acrescentam os autores cautelosamente. Em todo caso o esporte poderia ser um novo caminho para as mulheres alcançarem a liderança empresarial.

Mas se a futurologia da dupla pode ser bastante criticada principalmente por se basear nos recortes de jornais e nas entrevistas telefônicas de Ms Van Elderen os dados recolhidos e expostos no livro são bastante interessantes. Mulheres batendo recordes, mulheres sendo sagradas, bispas, mulheres assumindo a direção de grandes empresas, questões como a menopausa e o câncer de mama, direcionando políticas de saúde, centenas de exemplos da crescente participação feminina nos destinos do mundo são citados e muitas discussões a partir daí são levadas a cabo.

O ponto de partida é bom, a constatação de que a libertação das mulheres ainda não foi alcançada, mas que as mulheres com suas realizações estão começando a transformar o mundo, a construir novos paradigmas sociais. Além das conclusões ou tendências apontadas, serem discutíveis, porém a intenção geral do livro me parece bem longe de qualquer posicionamento feminista. Quando os autores querem demonstrar que a obra não é dirigida apenas às mulheres, lançam mão dos seguintes argumentos: Descrivendo o que algumas das mulheres mais atuantes e poderosas do mundo estão realizando, este livro vai ajudar um pai a aconselhar suas filhas de modo atualizado e As páginas dedicadas às empresas estão repletas de exemplos, desde comerciantes falidos até fabricantes de calça dos esportivos que perderam vinte milhões de dólares investidos em campanhas publicitárias de negócios que ignoraram, subestimaram ou

mal interpretaram a importância de um **mercado feminino em mutação**. O destaque é deles. Essa preocupação mercadológica é a tônica do livro inteiro, a partir das promessas de receitas para alcançar o poder, da Introdução.

A edição brasileira teve o louvável cuidado de acrescentar um Apêndice escrito pela jornalista Judith Patarra sobre Mulheres Brasileiras, Caminhos e Tendências. Ali temos certamente o melhor de *Megatendências para as Mulheres*. Judith Patarra faz um levantamento breve do que há no Brasil na área dos movimentos de mulheres, destacando o trabalho das ONGs feministas e conquistas como o PAISM, Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher, que foi objeto de detalhado estudo de Elza Berquo no Dossiê do número anterior da REF. Seguindo o modelo do livro, ela termina cada item tratado apontando uma tendência, sem profecias mirabolantes, mas geralmente com otimismo. Em lugar de tentar adivinhar quando uma mulher será Presidente do Brasil, ao focar a questão da participação política, simplesmente adverte:

As mulheres ficam isoladas quando atingem alguma liderança. O próprio movimento feminista se descola delas. Mulheres ainda não elaboram condições para dar suporte financeiro e estratégico às suas candidatas, ao contrário da Argentina, por exemplo, onde existe uma estrutura suprapartidária de educação e incentivo à participação política feminina.

ANA ARRUDA CALLADO ■

## O enclausuramento da vida doméstica

### A Condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX

MOREIRA LEITE Miriam (org.)

São Paulo: EDUSP/HUCITEC/Pro Memória, 1984.

Uma negra escrava abana sua senhora. Esta sentada numa poltrona repousa languidamente recostada em seu braço direito. No chão, uma negrinha nua diverte-se com alguns brin-

quedos. A gravura de 1821 empurra nos sem cerimônia para o século XIX, para a cidade do Rio de Janeiro, ilustrando a capa da antologia *A Condição Feminina no Rio de Janeiro - século XIX*, organizada por Miriam Moreira Leite. A gravura é atrevida ao revelar o interior de um sobrado colonial carioca, nessa época, ao resguardado dos olhares externos por suas grossas paredes protetoras. Atrevida a gravura atrevidíssima o gravador, pois flagrou a senhora em trajes caseiros, uma espécie de combinação numa situação de absoluta intimidade. Conquistada pelo buraco da fechadura ou pela

fresta da porta entreaberta essa cena de uma canoaca flagrada numa tarde modorrenta qual quer do verao do Rio de Janeiro patriarcal nos remete em cheio para os textos do livro do qual ela a cena e capa Tal capa qual livro Isso porque como na gravura os textos dessa antologia sao indiscretos Foram selecionados para flagrar a mulher no seu cotidiano na eterna repeticao de habitos e gestos Como uma camara indiscreta textos de viajantes de diferentes nacionalidades e que visitaram ou moraram no Rio ao longo de todo o seculo XIX vao revelando as vezes amargamente as vezes cruamente as vezes exotica e pitorescamente a condicao feminina nessa cidade que se transformara na capital do imperio

Daqui desse final de seculo XX a mais de 100 anos de distancia da mulher de espartilhos e de saia rodada quando ainda nos indagamos sobre a condicao feminina na sociedade e significativo que nos apareça essa colecao de textos que entre outras coisas nos conta um pouco do que foi a vida das mulheres no Rio de Janeiro

Tanta historia se passou e tanto ainda se insiste em nao reconhecer na mulher a plenitude de seu ser a totalidade de sua cidadania Baudelaire dizia que mais muda a cidade que o coracao dos homens Ao que poderiamos juntar muda a cidade muda a mulher mas insiste o coracao dos homens a bater descompasso passado com essa mudanca Ao juntar as narrativas dos viajantes sobre mulheres de outra era e apresenta las a nos seres da era do flodental Miriam Moreira Leite quer atropelar nos com o **tempo** E faz o muito apropriadamente Ela nada fala mas ela faz falar Reune cartas reportagens diarios de viagem relatos comerciais correspondencia diplomatica que falam sobre os percalcos do namoro a legitimidade da poligamia o enclausuramento da vida domestica a prisao dos conventos a ignorancia intelectual o trabalho feminino a vida social

No seu oficio de historiadora Miriam Leite faz voltar o tempo e vai nos introduzindo pelos textos selecionados em praticas que a mais de um seculo de distancia parecem nos estarrecedoras pateticas sem sentido

Lembre se que so na igreja era possivel o namoro So ai era possivel ver as damas sem embarcos aproximar se discretamente Casa dasmuito cedo ja aos 14 anos asmoças tornam se maes chegando aos 20 anos murchas de tanto parirem Osmaridos entao apressam se a

substitui las por escravas negras ou mulatas A desobediencia a pais ou maridos era drasticamente punida com enclausuramento em conventos tipo do de N S da Ajuda onde tinham que jurar castidade e eram sujeitas a pena de morte em caso de violacao do juramento Tortura castigos prisao afastamento do mundo eram penas legitimas para conter a rebeldia feminina

Mesmo que fossem de classe media ou alta as mulheres viviam em suas casas reclusas do mundo nao so do ponto de vista fisico mas tambem intelectual E que sua falta de instrucao nao lhes permitia saber ler aquilo que fosse alem do livro de rezas

O preconceito em relacao ao trabalho manual e o desprezo pela rua transformaram esta e aquele em coisa de prostituta ou escrava No entanto mesmo sem ser prostituta ou escrava as mulheres pobres trabalhavam Eram amas de leite a encher a barriga dos nhonhozinhos de seus patroes vendedoras dedicadas ao comercio de legumes e frutas lavadeiras que enchiam os tanques dos chafarizes e os rios de montanhas de roupas sujas modistas com grande pericia nas artes da agulha parteiras vendeiras professoras atrizes etc Uma miriade de pequenas profissoes que fazia com que o mundo dos homens funcionasse

Recuperando os fatos o que quer o historiador nao e apenas fazer voltar o tempo para apreciar o diferente o exotico o patetico o pitoresco O historiador precisa do tempo para pensar para fazer pensar

Ao colocar em movimento a mulher do seculo XIX Moreira Leite esta na verdade pensando na mulher do seculo XX sua condicao seu futuro Nao que ela diga qualquer coisa sobre isso mas o simples fato de juntar esses textos nos obriga inexoravelmente a uma comparacao mudou a sociedade? mudou a cidade? mudou a mulher?

Obviamente que sim Mas nao e suficiente para a mulher deixar de ser uma questao epistemologica disciplinar social de policia enfim

A mulher a diferenca o preconceito o racismo sao questoes que desafiam nosso futuro remetem nos ao passado sacodem nosso presente E talvez aqui valha lembrar novamente Baudelaire quando diz que muda muito deegar o coracao dos homens

ROBERT MOSES PECHMAN ■

# A transformação da intimidade

## Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas

GIDDENS Anthony (tradução de Magda Lopes)

São Paulo Ed UNESP 1993

A democratização da vida pessoal está condicionada a elaboração e ao exercício de práticas referidas ao relacionamento interpessoal. Anthony Giddens apresenta neste livro as mudanças nas concepções e práticas sexuais que afetaram a vida íntima das pessoas e os procedimentos para se alcançar a intimidade no cerne da vida pessoal democratizada. Constrói a problemática da intimidade desde o final do século XVIII a partir da manifestação da sexualidade. O pano de fundo é a emergência da modernidade e com ela um modo de ser desvinculado dos padrões, convenções e hábitos pré-existentes, parâmetros até então norteadores das ações. Assim, em tese, o indivíduo desatrelado dessas amarras pode decidir e escolher livremente suas opções e seus estilos de vida, os quais lhe conferem uma identidade outrora inexistente. No dizer de Heller<sup>1</sup>, a liberdade de escolha só se tornou possível com a desconstrução do artifício natural, isto é, a circunstância do nascimento deixa de ser a sina e dá lugar a contingência, a qual possibilita que homens e mulheres agarrem seu destino no leque de possibilidades que se apresentam. Ou, ainda, citando Tocqueville<sup>2</sup> ao referir-se a democracia regime político inaugurado com a modernidade, a possibilidade de uma mobilidade social em detrimento dos sacrifícios que o indivíduo era capaz de fazer em nome da comunidade de outrora propicia o desenvolvimento da individualidade e o florescimento dos sentimentos, enquanto componentes da personalidade emergente. Giddens radicaliza a liberdade de escolha e decisão que a modernidade oferece aos indivíduos. Para ele, o que depender unicamente da vontade dos indivíduos e passível de realização, ainda que não imediatamente.

No que consiste a intimidade proposta pelo autor? Trata-se da comunicação emocional entre os envolvidos numa situação de igualdade interpessoal. Neste contexto, tem que haver a revelação de emoções e ações não reveladas publicamente, de modo que as pessoas envolvidas possam se conhecer. Tal construção de acordo com a perspectiva adotada por Sennett<sup>3</sup> falseia a realidade aqui entendida como a intimidade compartilhada com o outro, por consistir na abertura e no desvelamento das características dos envolvidos na situação. Isto porque, conforme Sennett, no mundo narcísico atual, o ser humano portador de uma individualidade de uma realidade emocional e do livre arbítrio para decidir e escolher torna-se poderoso e voltado para suas próprias propriedades. Seus sentimentos, sua personalidade são a medida de avaliação do mundo do outro e de si. Isto significa que o mundo pessoal transborda sobre a esfera onde outrora dominava a impessoalidade, a diversidade, os interesses e gostos. Assim, a esfera pública, mingua diante do robustecimento do eu narcísico. Este na jactância de si, quanto mais desenvolve o contato consigo, menos se contata com o outro. O segredo o protege porque este eu, paradoxalmente, é frágil também. As ausências de abertura para o outro e do desvelamento recíproco comprometem a construção da intimidade. Esta existe de maneira ardilosa, porque não é o resultado de novas concepções e procedimentos como propõe Giddens, mas surge como uma crença tirânica para desviar a atenção sobre o que pode ocorrer com o futuro da humanidade, diante do desequilíbrio entre esfera privada e pública.

O que vem acontecendo com a sexualidade, força motriz na construção da intimidade atual? Giddens aponta para o surgimento da sexualidade plástica, isto é, a sexualidade se desvincula da reprodução e o elo natural destas duas dimensões é abolido. A sexualidade agora possui uma existência autônoma, torna-se qualidade do indivíduo e um meio de ligação com o outro. Agora é uma opção, um estilo de vida, não mais um estado de coisas ditado pela natureza e pode manifestar-se de muitas maneiras de acordo com os propósitos individuais. Desta

<sup>1</sup> HELLER, Agnes. On Being Satisfied in a Dissatisfied Society. In *The Postmodern Political Condition*. Cambridge: Polity Press, 1988.

<sup>2</sup> TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracia na América*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1969.

<sup>3</sup> SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

maneira a heterossexualidade nao e mais o padrao de julgamento sexual e a homossexualidade floresce nao mais atada aos estigmas de outrora. E agora uma questao de estilo de vida.

A transformacao da intimidade diz respeito tambem a relacao de genero. O autor atribui a mudanca observada nesta area ao trabalho da mulher na busca pela igualdade e para assegurar a democratizacao da vida pessoal. A mulher conquistou a sexualidade e o prazer, ao passo que o homem ainda esta preso a concepcao da dominancia masculina. Nesta situacao de igualdade, a maioria dos homens nao se reciou diante da nova circunstancia. Sua sexualidade mantem-se compulsiva e isolada das mudancas que sofreu a sexualidade feminina. Mas para Giddens, nao esta longe de ser atingida a nova igualdade para acompanhar a mudanca das mulheres, o homem precisa aprender a fazer a narrativa do seu eu, ou seja, saber contar a sua historia emocional, para ser capaz de negociar a sua vida pessoal.

O amor romantico expressou a realidade emocional e suscitou a intimidade no nascente homem moderno. Obrigou a livre escolha do parceiro conjugal, nao mais assentada na propriedade, mas no sentimento e, assim, o amor romantico libertou o vinculo conjugal dos laços de parentesco.

No lugar deste amor, emerge o amor confluyente mais condizente com a atualidade. Este e ativo, contingente, por isso atrita-se com as categorias sempre e unico do amor romantico. Presume igualdade da doacao e envolvimento emocional. Abole as dicotomias entre atividade sexual e a ars erotica, a realizacao do prazer erotico reciproco e elemento chave na manutencao ou ruptura da uniao. E monogamico enquanto for satisfatorio. O amor confluyente proporciona o relacionamento puro

em detrimento do relacionamento baseado na dependencia compulsiva, na obrigacao da rotina, na divisao de papeis sexuais e na ausencia do dialogo.

O amor confluyente proposto no livro assemelha-se nos seus ingredientes ao modelo de relacao emergente apontado por Badinter<sup>4</sup>, fundado na igualdade, na ternura, no dialogo e na negociacao constante entre os parceiros.

A autonomia pessoal, ou seja, a capacidade de auto reflexao e autodeterminacao dos individuos para escolher e agir diante de diversas acoes possiveis, o projeto reflexivo do eu, isto e, a construçao emocional do passado em direcao ao futuro, a sexualidade plastica, sao condicoes basicas para a transformacao da intimidade e para uma vida pessoal democratizada.

Finalizando, gostaríamos de acrescentar que o preexistente que presidia as relacoes sociais de outrora, ao dar lugar a liberdade de escolha e de acao na modernidade, permitiu a instauracao da negociacao situacional. Quer dizer, cada contexto de intimidade requer uma negociacao especifica. Porém, o autor parece desvincular cada contexto e seus respectivos atores de uma instancia original de forma que, vistos de uma outra perspectiva, o dialogo a negociacao numa situacao de intimidade, so mente, sao possiveis, como diz Habermas<sup>5</sup>, quando os atores envolvidos compartilham de uma intersubjetividade, isto e, de um patrimonio comum de saber.

<sup>4</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um e o Outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

<sup>5</sup> HABERMAS, Jurgen. *Teoria de la Accion Comunitativa*. Madri: Taurus, 1987.

MARIA QUINTEIRO ■

## Heroína negra

### Rosa Egipcíaca, uma santa africana no Brasil

MOTT, Luiz

Rio de Janeiro/Sao Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1993, 749 p.

Em 1725, desembarca de um navio negreiro no Rio de Janeiro uma menina africana de

apenas seis anos. Em 1765, exatamente quarenta anos depois, ela se encontra na terceira ponta do triangulo atlantico, presa de novo, desta vez nos Carceres Secretos do Rocío, acusada de herege e embusteira pela Santa Inquisicao. Os processos inquisitoriais contra Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz e seu co-reu, seu ultimo proprietario e capelao, o Padre Francisco Gonçalves Lopes, de mais de 350 folhas e ainda uma colecao de 55 cartas assinadas por Rosa e Padre Francisco foram descobertos por

Luiz Mott na Torre do Tombo em Lisboa em 1993 Podemos imaginar a emoção do nosso intrepido historiador e investigador dos personagens mais vilificados da história e atualidade quando se deu conta do conteúdo dos processos repletos de detalhes sobre a trajetória mirabolante da africana que de escrava e prostituta nas Minas Gerais se tornou fundadora do Recolhimento do Parto no Rio de Janeiro mística e visionária adorada por pobres e ricos pretos e brancos clero e leigos no centro urbano mais sofisticado da América Latina da época Viva Jesus! Pode mostambem tentar imaginar o regozijo do futuro biógrafo de Rosa quando põe os olhos pela primeira vez na carta dirigida ao seu ex senhor Pedro Rodrigues Arvelos do seu próprio punho Teria descoberto a evidência da primeira mulher negra a saber os segredos da escrita de toda a história Aelueia Cruz Credo!

Apos dez anos de pesquisa e escrita nosso biógrafo dá a lume um barroco e caudaloso tomo sobre a vida rocambolesca de Rosa. Apos os primeiros cinco anos como pequena escrava no Rio Rosa é vendida para a família Santa Rita Durao nas Minas Gerais Colocada no ganho se torna prostituta Por volta de 1750 ela começa a mudar de vida tendo visões extraordinárias

Dirigida pelo Padre Francisco Lopes ela abandona a vida de meretriz para se tornar beata e visionária Entre uma e outra visão ela é comandada a aprender a ler e a escrever Andando ela [Rosa] com uma crioula [Leandra] varrendo a igreja de São João Batista viu no centro da cruz um pombo branco muito fermoso com os pés vermelhos unhas e bico tão luzidios que pareciam de ferro e o dito pombo lhe disse as palavras seguintes Haveis de aprender a ler e escrever que quero fazer um ninho no teu peito

Mas as visões não são todas tão pessoais e íntimas assim Logo ela enfurece as autoridades eclesíasticas locais com suas denúncias públicas sobre a hipocrisia de alguns dos personagens mais importantes das Minas Gerais Como resultado é presa acusada de endemoniada e açoitada no pelourinho de Mariana Mas Rosa não aceita tamanha derrota na sua carreira rumo a santidade Procura o Bispo de Mariana que concorda em fazer a examinar por uma comissão de peritos em satanismo Ela vence uma horrenda prova de fogo Rosa lançou sua língua dois ou três dedos fora da boca e debaixo dela aplicaram uma vela acesa pelo tempo que se rezasse uma Ladainha de Nossa Senhora uma Salve Rainha e cinco Credos e durante tudo esse tempo sua língua não experimentou dano

algum Sempre dirigida pelo Padre Francisco ela então prossegue no seu caminho recebendo visões cada vez mais elaboradas Entendendo o latim torna-se aos poucos grande conhecedora do misticismo católico da época Quando parte para o Rio de Janeiro em 1751 ela assume o nome da Santa Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz Tamanha erudição! Segundo o nosso biógrafo Mott esta santa era muito pouco conhecida no Brasil dos meados do século XVIII mas Rosa Courana certamente sabia das semelhanças entre a sua vida e a vida da santa quando adotou o nome como patrona e sua vida como paradigma Afinal Santa Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz teria também sido uma prostituta que depois de adorar a Vera Cruz em Jerusalém se retirou ao deserto do Egito onde ficou 47 anos até ser descoberta pelo eremita do Mosteiro de São João Batista Zozimo

No Rio de Janeiro ela continua a sua vida de mística admirada Torna-se personagem tão reverenciada que consegue os fundos para construir um recolhimento para jovens moças e maldadas arrependidas As suas visões e profecias se tornam cada vez mais aterradoras Preve por exemplo um dilúvio no Rio de Janeiro como castigo divino semelhante ao terremoto de Lisboa do qual seriam salvos apenas os habitantes do Recolhimento do Parto que flutuaria como a arca de Noé em cima das águas

Mas o sucesso de Rosa gera tanto despeito quanto admiração e em 1762 é denunciada a Santa Inquisição e presa No ano seguinte é levada para Lisboa junto com o Padre Francisco O processo se avoluma Muitos antigos admiradores depoem contra ela apenas alguns mais corajosos insistindo na sua santidade Em 1766 o Padre Francisco é condenado a cinco anos de degredo no couro de Castro Mearim em Portugal O processo de Rosa cai num profundo silêncio após a sua sexta interrogação pelo Inquisidor Carvalho na Segunda Sala de Audiências no dia 4 de junho de 1765 quando foi mandada de volta para seu cárcere So resta especular Sem dúvida a hipótese mais mirabolante e aquela que mais se coaduna com o espírito da biografada e sua apoteose espera da pelo seu biógrafo em enredo de escola de samba após retornar a sua cela [ ] o Menino Jesus apareceu a sua querida mãe de leite Rosa Egípcia e repetindo o mesmo ritual que costumava praticar quando a negra assistia no Recolhimento do Parto penteou com esmero sua carapinha mamou gostosamente o quanto quis nos peitos de sua mãe africana e em sinal de agradecimento e amor filial transportou a para o céu Amem Aelueia

Assim termina um livro que é na própria intenção do nosso biógrafo tão maravilhoso barroco e mirabolante quanto a vida de sua protagonista

Mas o livro de Luiz Mott é muito mais que uma biografia. É uma densíssima etnografia da vida e da mentalidade do Brasil setecentista. Com inensa erudição e paciência, nosso biógrafo não deixa passar nenhuma oportunidade de esclarecer os significados dos eventos que descreve, abrindo detalhados parênteses sobre assuntos como a atuação do Santo Ofício, os recolhimentos no Brasil colonial, o culto aos Sacramentos, os Corações que tiveram em Rosa sua principal vidente e propagandista na América Portuguesa, a vida familiar e a devassidão nas Minas Gerais, mas sobretudo sobre a maneira pela qual a Igreja permeava toda a estrutura social do Brasil colonial. A saída de Rosa do anonimato da escravatura para a fama e o mundo das letras, só e possível porque dois carismáticos são amplamente reconhecidos pelo catolicismo da época: Mulher pobre, preta e escrava, Rosa galga notoriedade e prestígio não através dos caminhos burocráticos dos bancos escolares, estes seriam-lhe vedados por definição, mas através das suas visões mirabolantes que se tornavam cada vez mais eruditas com o intenso contato com o clero formalmente instruído. Mas a autoridade carismática é a mais tênue de todas as autoridades, simplesmente porque depende sempre da capacidade do santo manter a sua santidade aos olhos dos seus seguidores. Qualquer deslize e a santidade evanesce com muito mais rapidez que o tempo levado na sua construção. De acordo com Luiz Mott, Rosa caiu em desgraça justamente por que exagerou. Tornou-se herege e herejarca ao proclamar que o Filho de Deus ia incarnar-se pela segunda vez em seu útero, que ela era esposa da Santíssima Trindade, que tinha poder de julgar vivos e mortos, que era Deus! [ ] Por mais virtuosa que fosse sua vida e mais sangrentos seus sacrifícios, não havia como absolver a de erros teológicos tão cabeludos. Contra o dogma não há apelação!

Não há dúvida que o charme máximo deste livro está intimamente ligado à nossa época moderna. Preocupados em resgatar a história dos esquecidos da história formal, encantamos-nos com as revelações sobre a vida dos que são as maiores vítimas das crueldades do passado e do presente, sobretudo quando estas vidas mostram um elevado grau de esper-teza, ambição e por que não, sucesso material. Lendo estas estórias, podemos renovar os nossos

votos de repúdio à crueldade humana por um lado e de admiração pela coragem ou estoicismo, a inteligência ou a esperteza das suas vítimas. Assim, podemos afirmar nossa fé na humanidade mesmo nas situações mais degradantes. A capacidade de Rosa de sair do anonimato, de aprender os segredos do latim e da escrita, de se tornar personagem na boca de todo o povo do Rio de Janeiro setecentista, renova nossa simpatia pelas vítimas do sexismo e do racismo nos dias de hoje. É seguramente por esta razão que Luiz Mott, defensor infatigável das prostitutas, dos negros e dos homossexuais nos seus escritos e na sua vida política, é capaz de produzir um livro tão carinhoso e convincente.

No final do seu livro, Luiz Mott oferece algumas interpretações sobre a relação entre a vida de Rosa e sua qualidade de mulher e negra. Estas são, ao meu ver, um pouco contraditórias, como se o nosso biógrafo quisesse chupar cana e assoviar ao mesmo tempo. Por um lado, Luiz Mott, ao longo do seu livro, salpica o texto com sugestões de semelhanças entre o comportamento de Rosa e os modernos terreiros de candomblé, apesar dos documentos inquisitoriais não conferirem nenhuma referência a práticas africanas por parte de Rosa. E como se uma verdadeira heroína negra não devesse ser totalmente assimilada. Assim, conclui que Rosa se comporta como uma negra crioula típica, exemplo notável do sincretismo afro-luso brasileiro, uma revolucionária negra e feminista *avant la lettre*. Por outro lado, Luiz Mott descarta a africanidade da Rosa como fator da sua ascensão ou causa da sua queda. Muito pelo contrário, argumenta que não foi por ser negra ou escrava que Rosa Egípcia foi presa pelo Santo Ofício, o humilhante tratamento dado pelos inquisidores ao capelão do Recolhimento do Parto [o Padre Francisco] comprova que o fator racial não era levado em conta quando estavam em jogo a integridade do dogma e a unidade da fé. Rosa foi vítima de seus exageros, não da sua cor. Luiz Mott reconhece que apesar dos vários elementos terríveis do sistema escravista, o pelourinho, o abuso sexual da escravaria, a cruel discriminação racial subjacente à associação da negritude com a feitiçaria e o diabolismo, não há como negar a real possibilidade de, nesta mesma sociedade desumana e racista, haver lugar para a inversão total das regras do jogo do poder, a escrava Rosa, adorada de joelhos e tem seus negros beijados por seu ex-senhor, a escrava africana espanca e expulsa das igrejas alguns brancos.

ilustres a quem julgava irreverentes ou mal comportados a negra retinta e disputada pelo alto clero colonial e saudada com o invejável título de Flor do Rio de Janeiro. Ou seja a nossa heroína se distancia dos modernos heróis negros e mulheres. Em vez de construir a sua trajetória ascendente sobre a sua particularidade étnica ou o seu género Rosa resolve entrar mesmo no serralho do poder galgando a sua fama através da produção de visões informadíssimas por uma erudição religiosa incomum. Ela acredita na possibilidade de adquirir prestígio na sociedade colonial brasileira

através da escrita e da religião católica ou seja assimilando-se a cultura dominante da colónia. Neste sentido Rosa seria uma espécie de anti-heroína do nosso mundo atual dominado como ele e pelo multiculturalismo. Há leitores e quem escreve e um deles que admirará em Rosa a sua vontade de participar no que achava melhor da modernidade da sua época independentemente de ter nascido mulher e africana.

Mas que belo livro que contém tantos dados que permitem nestas leituras Aleluia!

PETER FRY ■

# O trabalho a domicílio em busca de identidade

## O Trabalho Invisível

### Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil

ABREU Alice Rangel de Paiva e SORJ Bila (org.)

Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993. 132 p.

O livro organizado por Alice Rangel de Paiva Abreu e Bila Sorj, produto da realização de um Seminário no Rio de Janeiro em junho de 1992, reúne cinco artigos sobre uma das temáticas mais instigantes do mundo do trabalho neste final de século: o trabalho a domicílio (TD). Instigante porque o capitalismo enquanto modo de produção foi capaz de organizar as sociedades através do trabalho, mas fundamentalmente através do trabalho assalariado fabril. O seu desenvolvimento propiciou uma forte segmentação entre espaço doméstico e espaço de trabalho, pelo menos aparentemente. Supunha-se na grande maioria das vezes que assim seria onde e sempre que o capitalismo fosse dominante. No entanto, a permanência do trabalho a domicílio e hoje seu ressurgimento sob novo formato, na esteira da transição para um novo paradigma tecnológico centrado na microeletrônica, recoloca a necessidade de pensar as categorias relevantes do mercado de trabalho e as dificuldades para

apreender corretamente diante das limitações das categorias clássicas de posição na ocupação.

O primeiro artigo de autoria das organizadoras faz uma revisão da literatura sobre a natureza do trabalho a domicílio, suas raízes e mudanças nas sociedades contemporâneas. O mais interessante nesta contribuição é a evidência da ligação entre o TD e as exigências da produção. Na opinião das autoras, a compreensão da permanência do TD exige que se considere a importância das categorias de género e divisão sexual do trabalho. Em alguns casos, a questão étnica e a presença de imigrantes auxiliam no entendimento deste espaço produtivo. Na bibliografia disponível sobre a temática, Abreu e Sorj defendem a importância dos trabalhos feministas pela centralidade conferida às categorias de análise citadas.

Através da relação entre necessidades da produção e natureza do trabalho, as autoras evidenciam as mudanças no TD desde a consolidação do capitalismo até os dias de hoje e apontam o seu caráter diferenciado a partir dos anos 80, quando sua presença se expande pelos setores produtivos e serviços modernos da economia. Assim, pode-se dizer que a reestruturação tecnológica e industrial nos países centricos tem evidenciado a presença dos TD com um novo formato. Como citam as autoras, na Alemanha, nos anos 80, os TD foram classificados em 13 ramos industriais, passando por indústrias metalúrgicas, eletrônicas e óticas (p. 12).

Na revisão da literatura internacional as autoras conseguem evidenciar que há nesta categoria de trabalhadores uma predominância de mulheres tanto nos países desenvolvidos como nos não desenvolvidos. Entretanto Courault (1982 p. 16) evidencia a trajetória diferenciada entre homens e mulheres: homens em geral são qualificados, possuem relativa força diante da empresa e a palavra-chave para exprimir tal situação é compromisso; já as mulheres são na maioria das vezes não qualificadas, encontram-se numa posição de subordinação e portanto a palavra-chave é controle. Logo para os homens chegar a ser trabalhador a domicílio faz parte de uma estratégia de escolha possibilitada por seu conhecimento e prática; enquanto para as mulheres o trabalho é a busca por uma complementação de renda.

Ja o artigo de Roberto Ruas trata das relações entre trabalho a domicílio, redes de subcontratação e as condições de competição. A perspectiva do autor é considerar que as novas formas de organização industrial têm propiciado uma retomada das relações de subcontratação. Nestas relações, uma possibilidade positiva seria o fortalecimento de pequenas e microempresas (p. 25), uma outra é a ampliação do trabalho a domicílio formatomas rudimentar de subcontratação.

O autor considera a subcontratação como uma forma de inserção na divisão social do trabalho, na qual uma das partes, a subcontratante, solicita a outra (subcontratada) a elaboração ou beneficiamento de um produto inteiro ou parte dele, sob a forma de peças ou componentes, ou até mesmo um serviço (p. 26). Assim, o trabalho a domicílio se insere no quadro geral da subcontratação e abrange toda atividade realizada de forma remunerada no ambiente familiar. O autor, tal como Abreu e Sorj, aponta a predominância feminina e uma concentração ainda em setores de base técnica tradicional (confeção, têxtil, couro, calçados, madeira etc.).

Outro ponto importante apontado pelo autor é a dificuldade de mensuração do ID decorrente de sua diversidade, da precariedade de suas condições e do conteúdo de informalidade que apresenta (p. 28), podendo esta dificuldade ser observada até mesmo para países desenvolvidos. Ruas destaca também o Trabalho a Domicílio Distribuído (TDD), no qual a relação de subcontratação aparece sob a forma de encomendas de empresas que são distribuídas por seus representantes em várias residências.

No caso da Indústria de Calçados no Rio Grande do Sul, apresentado pelo autor, a forma de concorrência se estabelece centrada na busca por baixos preços e o que predomina são duas configurações produtivas frágeis, tais como o Trabalho a Domicílio Distribuído (TDD) e o Trabalho a Domicílio nos Ateliers de Trabalho Manual. O autor entende que redes de subcontratação estáveis são mais difundidas em países desenvolvidos e que, no caso brasileiro, estas relações não estão ainda bem desenvolvidas. Apesar do número reduzido de pesquisas disponíveis, sabe-se que tais redes estão concentradas em alguns segmentos industriais, tais como o automobilístico e o mecânico (p. 34).

O terceiro artigo, de autoria de Abreu e Sorj, fornece um excelente exemplo do que foi colocado no primeiro capítulo do livro, a partir de um estudo de caso das costureiras externas (TE) da indústria de confecção no Rio de Janeiro. Estas trabalhadoras se constituem no último elo de uma cadeia heterogênea de mulheres trabalhadoras que se inicia com as profissionais qualificadas das grandes empresas, passando pelas operárias com carteira de trabalho assinada (p. 45).

Este trabalho não deixa dúvida quanto à importância da categoria gênero para o entendimento da conformação dos mercados de trabalho. É fundamental, então, repetir o que as autoras afirmam: O processo de construção de uma identidade autônoma em relação aos papéis e expectativas sociais do mundo familiar é muito mais difícil para as mulheres. Apesar de o processo variar de sociedade para sociedade e de grupo social para grupo social, a individualidade feminina é construída mais frequentemente enquanto um membro da família, como mãe, esposa ou filha, do que como trabalhadora (p. 44).

Desse modo, fica evidente a impossibilidade de entendimento desta categoria de trabalhadoras apenas por razões estritamente econômicas. Este ponto, entre outros, é insistente e ilustrado a partir dos resultados da pesquisa, onde as trabalhadoras, na maioria das vezes, não conseguem expressar o trabalho a partir de um cálculo puramente racional, diante da intensa interligação das esferas do doméstico e do trabalho, no que se refere a tempo e espaço. O eixo central para a compreensão do direcionamento destas mulheres para este tipo de atividade, segundo as autoras, decorre da possibilidade de conciliar a obtenção de renda com as obrigações domésticas, filhos,

dependente de conjuge (p 46) Adicionalmente e importante destacar que se para as mulheres que trabalham a domicilio e preferivel tal condiçao pela conciliaçao entre vida domestica e trabalho e preferivel tambem para os empresa rosesta trabalhadora pela maturidade responsabilidade e necessidade de permanencia no espaço domestico

As condiçoes de pagamento e a diversidade de trabalhos neste caso sao extremamente facilitadas pela natureza da confecçao feminina que naturalmente e passivel de intensa divisao e diferenciaçao diante da diversidade de tecidos moda etc Assim a marca maior e a fragilidade do trabalhador que no caso do Rio de Janeiro se retrata na variaçao do pagamento da unidade do mesmo item de vestuario que pode variar ate 500% (p 47) e nos premios e sançoes estipulados para coibir atrasos na entrega da produçao acordada (p 48)

O artigo de Maria Izilda Santos de Matos retoma a relaçao trabalho/mulher no ambiente domestico no periodo entre 1890 e 1930 para costureiras da industria de sacaria para o cafe nas cidades de Santos e Sao Paulo e vem contribuir para uma melhor compreensao da diversidade deste trabalho O periodo analisado pela autora contempla uma fase de maior dificuldade de mensuraçao do trabalho urbano notadamente aquele domiciliar realizado por mulheres Como afirma a autora as barreiras documentais ampliam se neste caso pois o trabalho era feito por mulheres porem os materiais disponiveis eram produzidos por homens os discursos do trabalho da greve ou da resistencia se apresentavam no universal masculino englobando e simultaneamente excluindo a presençã feminina (p 65)

Nesta contribuiçao evidencia se a riqueza do momento quando o trabalho domiciliar (feito a mao) e contraposto ao costurado a maquina considerado imperfeito e mais sujeito a rompimentos impondo portanto perdas e prejuizos Entretanto o que se assiste e todo um confronto entre novas e velhas formas de produzir que passam inclusive pela resistencia ao trabalho fabril E interessante destacar que do ponto de vista da relaçao trabalho/espaco domestico/condiçao feminina ha similitude com as caracteristicas apontadas pelos demais trabalhos da coletanea referidos a periodos de tempo mais recentes Neste caso entretanto a relaçao tempo de trabalho/espaco e agravada pelas condiçoes precarias impostas pelo po que a juta exalava pela aspereza da fibra que provocava doençã de pele e ainda pela ma ilumi

naçao que propicia sequelas a visao (p 70) E a necessidade de extirpar do lar estas ma condiçoes e de redefinir o trabalho na fabrica e entao separar familia (espaco privado) da fabrica (espaco publico) que se constitui numa das razoes centrais do declinio e eliminaçao do trabalho domiciliar na costura de sacaria

Um outro aspecto extremamente bem desenvolvido pela autora se refere as possibilidades de luta desta categoria de trabalhadoras Questionando a historiografia que reprodiz esta trabalhadora como um modelo de passividade a autora a partir de documentaçao (considerada esparsa) e muitas vezes a partir da imprensa operaria procura compreender melhor as possibilidades de luta politica das trabalhadoras a domicilio Tanto teorica (cap 1) como empiricamente (cap 3) este tema emerge no livro e estas trabalhadoras sao apresentadas como tendo poucas possibilidades de organizaçao (diante por exemplo da separaçao domicilio/espaco fabril) nao se constituindo portanto em categoria de interesse para os sindicatos Santos questiona este ponto e reúne elementos que revelam a possibilidade de açao concreta e combatividade A meu ver este e um ponto chave para o entendimento dos mercados de trabalho contemporaneos Ou seja se a reestruturaçao tecnologica e industrial no mundo desenvolvido tem se encaminhado para a reduçao do numero de trabalhadores estaveis e ampliado o numero de trabalhadores eventuais e flexiveis como pensar as formas de organizaçao destes trabalhadores? Ou sera esta uma questao superada?

Finalmente o quinto artigo e de autoria de Cristina Bruschini e Sandra Ridenti e trata do trabalho domiciliar realizado por trabalhadoras autonomas em Sao Paulo O contraponto com os trabalhos anteriores e inevitavel uma vez que os demais artigos se referem a trabalhadores domiciliares submetidos a contratos de subcontrataçao O suposto central do artigo e de que a distribuçao na familia da disponibilidade para o mercado de trabalho depende de uma serie de elementos tais como sexo idade escolaridade posiçao na familia estrutura familiar e ciclo de vida em que se encontra Adicionalmente esta conjugaçao de fatores pode ainda produzir resultados diferentes de acordo com o estrato social no qual se insere o grupo familiar As autoras trabalham a partir de um grupo de mulheres distribuidas cuidadosamente por situaçao social

O artigo insere se numa discussao mais ampla do mercado de trabalho a partir da

dicotomia formal/informal. As autoras não aceitam o entendimento do informal como simples alternativa ao desemprego e consideram também a possibilidade de se constituir em um projeto de ascensão social. Os resultados apresentados confirmam o perfil da trabalhadora apontado por Abreu e Sorj (cap. 3): mulheres vivendo com o companheiro/marido, com filhos menores de 14 anos e na faixa etária de mais de 40 anos, na sua maioria. Do ponto de vista do mercado de trabalho, a pesquisa reforça o entendimento do trabalhador autônomo como o mais importante representante da informalidade: possuidor de instrumentos de trabalho e impondido barreiras à entrada em cada espaço produtivo. O informal evidencia-se mais uma vez como incapaz de se constituir em um imenso colchão pronto a resolver periodicamente (e como desejariam alguns permanentemente) os problemas de desemprego.

Sem dúvida esse livro vem preencher uma lacuna sobre a atualidade do mundo do trabalho, fornecendo pistas importantes para um melhor entendimento da conformação dos mercados de trabalho no Brasil nestes tempos de reestruturação industrial e busca de qualidade. A lição central do livro a meu ver é evidenciar de forma cabal a diversidade presente no trabalho domiciliar e a impossibilidade de obtermos informações necessárias a partir das estatísticas disponíveis hoje no Brasil. Portanto, se constitui num legítimo convite a novos estudos de casos. Cabe a nós pesquisadores da área atendermos ao chamado das organizadoras do livro para um aquecimento do interesse acadêmico sobre a temática. Com certeza conseguiremos como este livro faz muito bem conferir maior visibilidade a estes trabalhadores.

LIANA MARIA DA FROTA CARLEIAL ■

## Poder, mistério e transgressão

### Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição

MALUF, Sonia

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 187 p.

Esta obra, premiada antes mesmo de virar livro, tem todas as qualidades de um clássico e em escrita seu tema (neste caso **narrativas**) antecipa de vários anos as novas preocupações do campo intelectual e pauta um distanciamento crítico e uso judicioso das diversas teorias expostas.

Nas primeiras páginas do livro, a autora nos leva para os caminhos da Lagoa da Conceição, uma pequena comunidade de pescadores e agricultores, hoje transformados em faxineiros e trabalhadores da construção civil, na ilha de Florianópolis. Na melhor das tradições etnográficas, nos apresenta os diferentes personagens de povos ainda vivendo nos velhos engenhos, a surfistas inteiramente voltados para os modismos da cultura global, para nos transmitir a realidade heterogênea e cambiante da Lagoa. Com a

descrição dos territórios masculino e feminino das práticas de namoro e casamento, dos lugares de sociabilidade e da divisão moral de trabalho, a autora já começa a esboçar uma das partes principais do livro: *A Força Feminina que Permeia a Vida Cotidiana Apesar da Ideologia Aparentemente Patriarcal*. Mas é na análise das histórias de bruxaria que descobrimos a plena pertinência deste tema.

Sintetizando diversos teóricos que estudam o assunto de Propp a Todorov, a autora define **narrativas** enquanto uma forma de discurso de caráter figurativo, onde são contadas histórias envolvendo personagens e construídas a partir de um encadeamento de ações, com início, meio e fim. E no desenvolvimento do enredo dramático da narrativa, que segundo Maluf, podemos descobrir os significados subjacentes ao imaginário dos nativos e às simbolizações que não estão presentes no discurso conscientemente manipulado.

Aborda este assunto primeiro pela consideração das diferenças significativas entre os relatos masculinos e femininos. A história masculina típica é sobre um bando de mulheres geralmente despidas, que invade sob cobertura da noite o barco dos pescadores e sobre a coragem investigativa do pescador que segue as

escondidas às bruxas descobrindo suas identidades humanas e assim desfazendo o poder de seu encanto. A história feminina descreve crianças adoentadas por bruxaria e mães persistentes que geralmente com a ajuda de uma benzedeira acabam desfazendo o embruxamento e salvando a vida da criança. Por um lado o temor dos homens diante da presença feminina no seu território por outro uma luta entre mulheres travada dentro do lar, um espaço propriamente feminino. Por um lado uma organização **epistêmica** da narrativa (em que segundo Todorov o que prevalece é a busca do conhecimento) por outro lado a organização **mitológica** da narrativa (a sucessão pela negação em que um estado ou ação é substituído pelo seu contrário) (Acreditaria eu que o homem se constrói enquanto herói solitário lá onde a mulher descreve tanto o perigo quanto sua própria ação heroica em função de um mundo relacional.)

Dessa primeira parte da análise narrativa em que a ênfase cai nas diferenças significativas entre as histórias segundo quem conta (homem ou mulher, velho ou jovem, nativo ou estrangeiro) e as circunstâncias da *performance* passamos para uma análise sobre temas e elementos recorrentes em quase todos os relatos indicativos da cosmologia dos nativos. Aqui descobrimos que as histórias sobre bruxas contadas pelos moradores da Lagoa não são mais do que uma forma de falar sobre sua própria vida, suas relações sociais, seus papéis diferentes.

Nessas histórias a bruxa, embora raramente nomeada e sempre tida como uma das vizinhas, isto é, uma **mulher** da comunidade que age de forma inconsciente e involuntária. Assim, a bruxa seria uma expressão radical e descontrolada das características que, na visão dessa sociedade, toda mulher traz dentro de si (p. 102). Apesar de apelar para clássicos tais como Mary Douglas e Victor Turner, a autora evita os ardis da análise estruturalista que tende a achatar as diferenças culturais em modelos universalizantes. Ao nos remeter à descrição etnográfica das primeiras páginas, lembra que *na vida cotidiana dos moradores da Lagoa da Conceição*, o espaço doméstico constitui um mundo dominado por mulheres<sup>1</sup>, um mundo, porém, do qual os homens dependem. As mulheres são vistas como pertencentes a um mun-

do desconhecido dos homens e que muitas vezes escapa aos modelos que a sociedade construiu para elas. Não sendo este poder feminino aceito enquanto autoridade legítima, precisa ser elaborado. A imagem da bruxa com sua mistura de poder, mistério e transgressão e fruto por excelência desta elaboração.

Se o livro terminasse aqui já seria uma valiosa contribuição ao estudo das relações de gênero. Mas Sonia Maluf vai um passo adiante: passo esse que extrapola a discussão masculino/feminino e *demonstra a relevância destas reflexões sobre gênero para temas fundamentais das ciências sociais*. Nos últimos capítulos do livro reitera sua rejeição a qualquer interpretação que pinta crenças em bruxaria como resquício do passado ou fruto de ignorância. Revela como na Lagoa da Conceição essas crenças são ligadas a elementos fundamentais de uma identidade de grupo e esta, por sua vez, se remete a uma forma da cultura popular contemporânea.

A autora sublinha a contemporaneidade dessas crenças paradoxalmente através da comparação com a bruxaria europeia medieval. Apesar de inúmeras semelhanças *mitológicas entre as bruxas europeias e lagoenses* (ambas usam unguentos para fazer voos noturnos, ambas entram pelas fechaduras das casas para atacar crianças etc.) existe uma diferença fundamental. A figura do diabo que sobressai nos relatos europeus está totalmente ausente dos da Lagoa da Conceição.

Para localizar as raízes desta figura essencialmente masculina, Maluf recorre a historiografia europeia descobrindo que o diabo não era uma figura proeminente nos cultos medievais de bruxos e só veio a estabelecer uma certa ascendência sobre o mundo sobrenatural com a Inquisição. O diabo foi de certa forma uma imposição das teorias dos teólogos católicos *isto é da cultura da elite sobre as crenças populares*. Era óbvio para os inquisidores que, como na cosmologia ortodoxa, lá onde havia bruxas, tinha que haver seu líder, o diabo. Eles, como aliás a maioria dos historiadores pré-contemporâneos, nunca cogitaram a possibilidade de uma cultura popular com visões de mundo e cosmologia próprias. (Paradoxalmente, essa ideologia que vê as classes subalternas como portadoras de uma cultura pobre fragmentada, desprovida de significação original acabou no caso europeu por criar a realidade que pretendia retratar: a negação persistente de qualquer coerência das crenças populares facilitou a desagregação da cultura

<sup>1</sup>É significativo que nos relatos femininos a benzedeira também toda mulher em potencial, usa justamente os talentos do mundo doméstico (cozinhar, limpar) para exercer os poderes do bem e combater os efeitos malféficos da bruxaria.

popular consolidando a hegemonia do pen-  
samento erudito)

A esta análise Maluf contrapõe autores  
como Ginsburg que na sua descrição dos  
*benandanti* os bruxos do bem de um culto  
agrário medieval desenvolve o tema não  
somente de uma cosmologia popular original  
mas também da influência necessariamente  
recíproca entre a alta cultura e a cultura  
popular. A ideia da circularidade entre níveis  
culturais cunhada por Bakhtin serve aqui pa-  
ra sublinhar um processo de mão dupla que  
acaba com noções simplistas sobre hegem-  
onia da cultura dominante ao mesmo tempo  
que baliza qualquer pretensão de autonomia  
da cultura popular.

A aplicação dessas reflexões a pergunta  
original por que não tem diabo nas narrativas  
lagoenses leva Maluf a apoiar a hipótese da  
historiadora Laura Mello e Souza na medida em  
que a denominação da bruxaria é um produto  
intelectual do pensamento erudito o que se  
perpetua a partir do imaginário colonial [*bras-  
leiro*] e até hoje são as crenças e pensamentos  
mais ligados ao universo popular (p. 159). E é  
com esta mensagem que termina o livro. Nem  
todo mundo na Lagoa da Conceição conta a  
mesma história, nem todo mundo assume a  
crença em bruxas com a mesma franqueza. Mas  
todos têm um certo envolvimento pessoal nas  
histórias que contam. Todos assumem, no nível  
narrativo do discurso, a vivência direta ou atra-  
vés de uma pessoa próxima de uma situação de  
bruxaria. Especialmente no mundo complexo  
de hoje as narrativas marcam desta forma a  
sua contemporaneidade com o presente, como  
articuladores simbólicos de fronteiras, como fa-  
tor constituinte da identidade entre os morado-  
res da comunidade.

Este livro alimenta diversos debates atu-  
almente em andamento. Dialoga perfeitemen-

te por exemplo com o trabalho de Ondina  
Fachel Leal sobre a construção da identidade  
masculina na cultura gaúcha<sup>2</sup>. Também traz  
ricos *insights* para a discussão em torno de Ge-  
nero em narrativas que está sendo travada  
entre colaboradores do Centro Pagu na  
UNICAMP e que constitua o tema de um Grupo  
de Trabalho na XIX Reunião da Associação de  
Antropologia (Niterói) sob a coordenação de  
Suely Kofes. Inspira reflexões também sobre  
o caráter propriamente oral das narrativas  
sobre bruxaria e as implicações de um folclore  
feminino<sup>3</sup>.

O livro e de uma riqueza surpreendente  
serve para aprofundar discussões analíticas  
ensinar a antropologia na sala de aula (entre  
outras coisas, como modelo de uma tese exem-  
plar) ou para encantar um público leigo (Der-  
xado em um canto da casa de praia, foi devo-  
rado por minhas sobrinhas adolescentes, uma  
atras da outra). E com livros desta qualidade  
que o nosso campo, estudos de gênero, deixará  
sua marca no mundo acadêmico e, oxalá, na  
sociedade civil.

<sup>2</sup>Ver *The Gauchos: male culture and identity in the  
Pampa*. Dissertação de Ph.D. em Antropologia,  
Universidade de California Berkeley, 1989 e *O Mito  
da Salamandra: a constituição do sujeito masculi-  
no na cultura gaúcha*. *Cadernos de Antropologia*,  
7, p. 7-14, 1992.

<sup>3</sup>A tentativa seria de achar a contrapartida femi-  
nina a análise de BAUMAN, Richard. *Story  
Performance and Event: contextual studies of oral  
narrative*. Cambridge: Cambridge University Press,  
1986. Ver também OLSON, David & TORRANCE,  
Nancy (org.). *Literacy and orality*. Cambridge:  
Cambridge University Press, 1991.

CLAUDIA FONSECA ■

## A produção da inocência

### Adolescência, Sexualidade e Culpa

DESSER, Nanete Avila  
Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Brasília:  
Fundação Universidade de Brasília, 1993.

Por que cada vez mais adolescentes urba-  
nas ficam grávidas sem desejar? Em busca da

resposta para esta questão, Nanete Avila Desser  
conduziu uma pesquisa com 24 adolescentes  
dos estratos médio e operário das zonas norte, sul  
e oeste da cidade do Rio de Janeiro. Ouviu filhas  
de operários pertencentes a dois subgrupos: um  
com família nuclear intacta e outro apenas com  
mães chefes de famílias. Trabalhou com entre-  
vistas em profundidade, procurando desvendar  
nos discursos das adolescentes, com pelo menos  
uma experiência de gravidez, o significado de

ser mulher e ser adolescente e as implicações resultantes de suas experiências para a construção da própria identidade

O conceito de adolescência a relação com a sensualidade a prática da sexualidade a gravidez a maternidade e o aborto são explorados numa análise da subjetividade contrastando os grupos estudados. A análise dessas vivências e depois relacionada ao projeto de vida e expectativas quanto ao casamento a maternidade e ao controle da fertilidade

As conclusões são valiosas sobretudo no sentido de apresentar uma síntese muito bem elaborada que traça um retrato da identidade feminina adolescente no qual a sexualidade aparece com um sentimento de culpabilidade. Muito interessante o processo pelo qual a autora chega a essas conclusões destacando se o conceito de demissão da sexualidade por força de um moralismo que prega inocência das jovens em relação a atividade sexual. Esta implica uma não autonomia e responsabilidade quanto as tais práticas cujo corolário é consequentemente o não controle da fertilidade pelo caráter de premeditação ou intenção que essa atitude envolveria. Esses conceitos são comuns a subjetividade de ambos os grupos

Como veem a adolescência e como se veem enquanto adolescentes? Há uma diferença de concepção. As jovens dos estratos médios e operários apresentam visões semelhantes diferenciando apenas quanto as possibilidades de realizar as suas aspirações sobretudo em relação as adolescentes de famílias matrifocais porém não no que tange as concepções e vivências da adolescência. Os dois primeiros grupos veem nesse período de suas vidas a oportunidade de aquisição gradual de independência na direção de se tornarem mulheres profissionalizadas via estudo formal com autonomia para vivenciar experiências afetivas. Embora as adolescentes desses dois primeiros grupos tenham essa possibilidade assegurada pelo apoio da família as operárias devem investir parte do seu tempo no trabalho diminuindo assim suas chances de lazer e despreocupação. Por outro lado as representantes do grupo matrifocal se percebem como diferentes sendo esse período da vida visto como transição para se tornarem mães de família procurando no estudo e/ou trabalho o suficiente para viverem dito período da forma mais agradável possível até constituírem as próprias famílias que terão um homem como chefe e que elas ajudarão (com trabalho fora) se necessário

O namoro representa experiência fundamental na formulação da identidade na medi-

da que oferece oportunidade concreta de explorar a afetividade e heterossexualidade conforme o contexto moderno de autonomia maior em relação a família. A gravidez e uma ocorrência disruptora do processo e quanto mais jovem for a adolescente e menos modelos de identificação disponíveis tiver tanto mais pode apresentar comportamentos regressivos em relação a família e ao próprio corpo gravido

No desenvolvimento dessa identidade há um processo ativo de formação da subjetividade construída através da interação da experiência e constituída por práticas sentimentos valores que interagem com modelos de identidade feminina com identidades sociais virtuais alterando e refletindo alterações na própria estrutura da subjetividade

Como se definem? Todas se atribuem a característica de normais identificadas com o discurso moderno liberado e feminista havendo porém uma contradição entre o discurso que vê a experiência sexual como normal e moral e a forma pela qual cada uma vai agir na situação concreta em relação ao exercício da sexualidade e suas consequências. A autora aponta aqui a influência de um lado da comunicação de massa da mídia e de outro da transmissão cultural diferenciada em cada subgrupo social. Assim o exercício da sexualidade é normal a virgindade não é um valor mas a única maneira de sair da contradição discurso vivência e através da valorização da inocência ou ingenuidade da jovem que por amor demitindo se assim de sua sexualidade colocando se na posição de seduzida e justificando o intercurso pela desrazão implícita no ato de paixão. Dessa forma a inocência e produzida pela confissão de não premeditação de cessar ilusão do pequeno número de parceiros e fortitude das circunstâncias que moraliza a sexualidade ao mesmo tempo que a estigmatiza quando da errada (gravidez)

Segundo a autora a novidade e a demissão são usadas para normalizar a sexualidade fora do matrimônio. Em geral lamentam a gravidez e o casamento precoce. A gravidez seguida de maternidade e coabitação deve liberar o controle da sexualidade mas isto não se dá ao nível da subjetividade uma vez que o processo de identidade é comprometido permanecendo a sexualidade reduzida a do parceiro. O aborto pode permitir a atualização do auto controle da sexualidade. Maternidade e casamento sobretudo no nível médio constituem um empecilho a realização dos projetos pessoais

A autora analisa também o casamento em consequência da gravidez e a diferença em

relação as expectativas e decepções nos três grupos mostrando o quanto a liberação sexual está longe da paternidade maternidade responsável

Ao focar questões tão importantes e atuais este livro reforça minha tese de que a família nega a sexualidade sobretudo da jovem adolescente como se pode constatar

pelo segredo que protege a atividade sexual precoce e principalmente a grande e desagradável surpresa tanto para pais como para filhas ao surgir uma gravidez inesperada sinal evidente e inegável do exercício da sexualidade de adolescente

ROSA MARIA S DE MACEDO ■

## A história das mulheres virada pelo avesso

### A História da Memória - Cotidiano e Trabalho da Mulher em Minas Gerais no Século XVIII

FIGUEIREDO Luciano

Rio de Janeiro Jose Olympio/EdUnB 1993 249 p

Pesquisas recentes no campo da História Antropologia e Sociologia trouxeram no último estudo da família e da condição feminina no Brasil. A produção acadêmica dos últimos anos vem contribuindo com trabalhos pioneiros no sentido de desvendar formas alternativas de organização familiar e uma multiplicidade enorme de condicionantes que permitem questionar a memória que se construiu acerca da passividade e da submissão das mulheres na sociedade colonial. Instigantes abordagens na área da História Social e das Mentalidades ampliaram inegavelmente o campo de interesse dos estudiosos privilegiando novas fontes relembrando os documentos com outro olhar e outras indagações.

Em esse contexto que se situa o livro de Luciano Figueiredo. Historiador Luciano formou-se pela PUC do Rio de Janeiro em 1983. Pesquisador do Arquivo Nacional desde 1984 atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Em 1990 tornou-se Mestre pela Universidade de São Paulo. Possui vários artigos em revistas especializadas e sua dissertação de mestrado *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas colonial* deverá ser brevemente publicada.

*O Avesso da Memória: Cotidiano e Trabalho da Mulher em Minas Gerais no Século XVIII*

e o resultado de uma pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas num de seus primeiros concursos de Pesquisa sobre Mulher. Concluída em 1984 revela um impressionante fôlego documental verdadeiro garimpo nos arquivos mineiros. Como afirma Laura de Melo e Souza no prefácio: Há oito anos atrás quando a história do cotidiano e das mentalidades ainda engatinhava entre nós quando o ato de vasculhar prateleiras e descer a porões atrás de papéis velhos passava por excentricidade a obsessão de Luciano Figueiredo pela pesquisa empírica era incomum, rara e aos olhos de muitos anacrônica. Muito jovem ainda sem vínculos com os cursos de pós-graduação das universidades Luciano mostrava ser um pesquisador notável revirando manuscritos mineiros a espreita de mentalidades e indícios da vida material dos tempos antigos reconstruindo com paciência e sensibilidade comportamentos e práticas econômicas pouco ortodoxas.

Finalmente publicado o texto original não sofreu praticamente alterações. Não precisava de uma atualidade incontestável seu grande mérito encontra-se no sólido lastro documental, na ousadia das hipóteses e na maestria com que as interpretações são tecidas e alinhavadas. Embora o tempo que separa a conclusão do trabalho da publicação do livro tenha sido preenchido por uma produção historiográfica do mais alto nível, como o próprio autor reconhece, no ambiente destas novas abordagens e novos temas os trabalhos tem somado mais que dividido, chegando uns e outros (sob a crescente valorização da descoberta documental) a se renovarem num impulso definitivo, permanente e contínuo.

Sua contribuição específica nesse sentido é um primoroso desvendar do cotidiano e das múltiplas formas de participação das mulheres pobres na sociedade mineira dos Setecentos.

Argumentando com dois grandes mitos da historiografia tradicional: o da abrangência da família patriarcal no tempo e no espaço que construíram a nossa história e o da acomodação das mulheres no espaço das casas grandes e das senzalas o autor abre novas perspectivas para os estudos sobre as formas alternativas de organização dos núcleos do mestiço e o papel das mulheres pobres na sociedade colonial e escravista.

No esforço bem sucedido de reconstrução das formas de organização familiar e da presença feminina quer no interior das estruturas domiciliares quer no contexto social mais amplo chama a atenção para as particularidades regionais traço que marcou profundamente a evolução social do Brasil Colonial e para a especificidade da região mineradora. Nela a grande maioria do contingente feminino era constituído por negras mulatas pardas carijós ou cabras cuja pobreza e marginalidade tornaram nas capazes de participar com maior independência na vida econômica e social dos núcleos urbanos. Exercendo atividades produtivas e remuneradas prostituíam-se amancebando-se participando das irmandades organizando batuques e folguedos eram tidas pelas autoridades coloniais como agentes prodígio na trama da desordem social. Sobre elas recaiu a violência dos mecanismos repressivos da Metrópole além de estigmas e condenações morais de todo tipo.

Sem dúvida nenhuma *O Averso da Memória* nos proporciona além de uma deliciosa narrativa uma grande viagem pelos núcleos urbanos mineiros seguindo os passos e os estratagemas dessa população inconstante e ameaçadora em sua faina diária pela sobrevivência as escravas que possuíam relativa mobilidade pelas ruas e becos das cidades aquelas que desafiavam a hierarquia social e racial por desfilarem luxuosamente vestidas as negras de tabuleiro que alavancaram a venda de quitutes o oferecimento do próprio corpo as forras vendedoras que transformavam seus estabelecimentos em casas de alouche e a si próprias em desinquietas alcoviteiras. Convida nos inclusive a visitar os domicílios pobres e dirigidos por viúvas ou mulheres abandonadas e amiúde frequentados por homens que tratavam ilícitamente com elas e suas filhas.

Mas o campo de abrangência desta obra vai além tomando-se referência obrigatória para os interessados e estudiosos do Século do Ouro mineiro. Dialogando com estudos recentes e já clássicos sobre aquela sociedade

reitera a visão do falso fausto das Minas setecentistas. Embora contribuisse através dos quintos reais para a opulência da Metrópole foi predominantemente marcada pelo estigma da pobreza contrariando o sonho partilhado por muitos do mítico Eldorado. Sociedade fluida e móvel tornava-se difícil o controle e a acomodação de seus habitantes não apenas devido aos grandes deslocamentos em busca dos veios auríferos mas ainda pela sua própria condição social.

Assim desfrinchando a documentação de caráter oficial basicamente de cunho repressivo interpretando os interesses ostensíveis e a visão de mundo dos segmentos dominantes Luciano Figueiredo desvenda as contradições do cotidiano das Minas marcado pela pobreza desordem dispersa e rebeldia. São portanto as protagonistas da miséria sua árdua luta pela sobrevivência além dos arranjos e soluções inventados por elas cotidianamente no espaço da família do lazer da religião da sexualidade do amor e da resistência individual e coletiva as personagens e os temas deste livro.

Mas vamos a elas.

Em *Comércio feminino e tensão social* o autor descreve uma das mais ativas ocupações caracteristicamente femininas naquele período: o comércio varejista. Marginalizadas dos trabalhos da mineração e excluídas dos ofícios mecânicos pardas e negras forras e escravas foram figuras importantes para o abastecimento tão precário de gêneros básicos à população mineradora. A participação essencialmente feminina na organização e no controle do comércio varejista fosse ele fixo (em vendas) ou ambulante (através das famosas negras de tabuleiro) criou uma situação controversa e difícil de lidar no entender dos agentes metropolitanos. Embora essenciais para o abastecimento de vilas e cidades as vendas eram focos de desordens perigo e tensão. Ao seu redor criava-se um espaço de sociabilidade dos desclassificados e a possibilidade de afirmação de laços de solidariedade entre grupos cuja dispersão era a maior garantia de controle e sujeição.

Portanto vendedoras e negras de tabuleiro constantemente perseguidas pela legislação colonial eram tidas como perigosas por pautarem sua sobrevivência na transgressão da ordem social. Como sugere o autor captar o conflito aberto entre a rebeldia destas mulheres e a persistência secular da administração colonial foi como transpor os frágeis limites daquelas imagens da mulher como seres conservadores e

imoveis

Em Prostituição e desordem Luciano discute as análises historiográficas que abordam tangencialmente o problema da prostituição na sociedade colonial escravista e cuja tônica é reforçar o suposto desregramento nos costumes da população colonial. A seu ver, no contexto das Minas setecentistas, livres e forras aderiram sistematicamente à prática da prostituição premidas por sua extrema pobreza. Traça um círculo vicioso segundo o qual as mulheres dos segmentos desclassificados teriam no meretrício uma alternativa acessível de garantir o sustento diário e, no caso das escravas, de complementar o jornal devido aos seus senhores. No entanto, as alcunhas depreciativas a elas imputadas (Rabada Fogueira, A Mãe do Mundo) sugerem ter sido essa forma de sobrevivência mais um mecanismo a imprimir na condição social destas mulheres a marca da transgressão, encobrindo os condicionantes que as empurraram naquela prática.

Assim, mais uma vez o trabalho de Luciano nos convida a percorrer a intimidade dos prostíbulos e das casas de alcaçoce, o calor dos batuques e dos folguedos, onde as prostitutas, com muito escândalo, entregavam seus corpos embragadas, se provocavam brigas e ferimentos. Mas sua narrativa nos leva ainda mais longe, ao relacionar essa história do cotidiano das camadas pobres com interpretações globalizantes sobre a estruturação e a dinâmica dos aparelhos ideológicos, administrativos e fiscais na região. Se a preocupação da Igreja baseava-se nos desvios morais que causavam ofensas a Deus e aos bons costumes, as razões do Estado voltavam-se prioritariamente para a arrecadação eficaz dos tributos reais. Inovando mais uma vez as interpretações históricas, o autor sugere que, de todos os elementos que concorreram para a difusão da prostituição entre as mulheres libertas em Minas Gerais, poucos foram tão significativos quanto a obrigação que, em certo momento, passaram a ter no pagamento ao Estado de um pesado imposto por sua condição social.

Meretrício, ligações ilícitas, concubinato são formas alternativas e transgressoras de viver e amar nas Minas setecentistas. Em *Vida familiar*, o livro aborda a prática do concubinato, noção que abarcava uma complexa e extremamente variada trama de relacionamentos humanos, chegando a confundir-se em vários momentos com tipos diferentes de prostituição. Embora, em seu empenho normativo, Coroa e

Igreja insistissem no matrimônio como estratégia de disciplinarização dos moradores da capitania e de controle sobre o alto grau de mestiçagem da população, a incidência do concubinato na documentação de cunho repressivo sugere ter sido essa forma de relacionamento a regra entre os segmentos desclassificados. A partir da reconstituição dos núcleos do mestiço mineiro (estudo que retoma e desenvolve magistralmente em sua dissertação de mestrado *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas colonial*), o autor constata a frequência com que ocorre entre as camadas pobres daquela sociedade uma redefinição dos papéis sexuais no interior do grupo familiar. O caráter itinerante e móvel da população mineradora deu margem a que um número expressivo de domicílios fosse organizado em termos matrifocais ou seja, eram controlados por mulheres que, devido à ausência por vezes prolongada dos maridos ou companheiros tornaram-se chefes de famílias.

Contestando assim as análises historiográficas baseadas em interpretações idealistas acerca de uma sociedade marcada longamente pela distância entre a vontade de seus dirigentes e a realidade cotidiana de seus integrantes e ainda as abordagens que reforçam historicamente a domesticação da mulher, Luciano resgata a memória da rica diversidade que caracterizou as relações de concubinato no seio dos desclassificados sociais para quem família, em seu sentido legal, inexistia.

O quarto ensaio, *O universo religioso*, fornece, como afirma Laura de Melo e Souza, uma ótima contribuição ao estudo das visitas episcopais no Brasil colonial. Nele, o autor trabalha exaustivamente com as devassas eclesásticas, instrumento normalizador da Igreja que agindo paralelamente ao Estado, buscava disciplinar comportamentos desviantes dos moradores da capitania. Tais registros constituem a seu ver uma preciosa radiografia da vida coletiva e individual dos núcleos urbanos mineiros. Dos testemunhos fornecidos as devassas emergem elementos com os quais reconstituem não apenas o universo social no qual transitavam as mulheres despossuídas, mas igualmente o seu mundo interior, povoado por desejos, medos, paixões, odios, manifestações de rebeldia e soluções frente à violência que marcava o seu cotidiano.

Retomando os estudos sobre o papel das irmandades em Minas, empreende uma interes-

sante análise da atuação feminina nessas organizações religiosas chamando a atenção para as múltiplas formas de inserção das mulheres de segmentos sociais diferenciados nas instituições coloniais. Embora fundamentais para o controle social e moral das camadas dominadas as irmandades constituíram-se talvez na única alternativa de associação permitida a população de cor na colônia transformando-se num importante referencial de identidade para os segmentos empobrecidos. Nelas as mulheres pobres tiveram uma marcante participação usufruindo inclusive da assistência material dispensada aos seus irmãos. Inversamente para os setores proprietários longe de representarem um espaço de atuação para as mulheres brancas as irmandades foram instrumento de reforço de sua submissão a ordem patriarcal.

Revela ainda as frágeis fronteiras entre religião e rebeldia na vivência sincretista da religiosidade popular na colônia. Em *Poder, resistência e trabalho* descreve em cores vivas o temor das autoridades frente aos ajuntamentos lúdicos de negros e forros, homens e mulheres. Ao convidar-nos a passar do espaço acomodaticio das irmandades para o ambiente inflamado dos batuques e folguedos recupera o imaginário social da época acerca da religião e do lazer das camadas populares. O caracteristicamente urbano da formação social na região deu margem a proliferação de inúmeras manifestações culturais coletivas, embora reprimidas, da população forra e escrava. Não raro envolvidas por uma atmosfera sobrenatural

nas quais se suspeitava invocarem os demônios, as danças supersticiosas e calúndus, assim como a feitiçaria, constituíram-se para o autor na dimensão mais agressiva da resistência dos dominados. Por outro lado, o lazer das classes trabalhadoras ia de encontro a eficácia do sistema colonial sugerindo o ocioso ou ainda o contrabando do tempo de trabalho.

Assim situadas nas fronteiras entre o mundo do trabalho e o universo da desordem, ao negarem os papéis e os estereótipos supostamente femininos, as mulheres pobres das Minas Setecentistas descobriram e inventaram cotidianamente formas de resistência a dominação a que estava sujeita a sua classe e o seu sexo, construindo uma nova identidade, tecendo o avesso de uma memória.

Para finalizar, voltamos ao ponto de partida e certamente de chegada, que motivou Luciano Figueiredo a percorrer os caminhos trilhados pela condição feminina no Brasil colonial. O propósito que o levou a superar o mito tão eternizado nas consciências coletivas do lugar social atribuído a mulher brasileira, não se reduz a um simples exercício histórico. Como ele mesmo confessa, revelar o avesso da memória e criar condições para o enfrentamento de solidas raízes que sustentam os estereótipos sobre a condição feminina no Brasil, é caminhar no sentido da construção de sua identidade. E dessa forma contribuir para o avanço da luta política das mulheres em nossa sociedade.

MARIA FERNANDA BICALHO ■